

Avaliação do Bem-Estar Subjetivo (BES): Aspectos Conceituais e Metodológicos

Fabio Scorsolini-Comin

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil

Manoel Antônio dos Santos¹

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo foi sistematizar uma revisão integrativa sobre bem-estar subjetivo (BES) e seus instrumentos de mensuração. A partir do unitermo *subjective well-being* nas bases LILACS, SciELO, MedLine, PsycINFO e PEPsic (1970-2008), encontraram-se 215 trabalhos. Destaca-se a atualidade dos estudos, bem como instrumentos utilizados empiricamente, como a Escala de Afetos Positivo e Negativo (PANAS), *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), *Life Satisfaction Inventory: Form A* e Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES). Aponta-se necessidade de desenvolvimento de instrumentos nacionais contextualizados, além do aprofundamento de estudos teóricos e empíricos de validação de instrumentos internacionais adequados.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Literatura de revisão; Escalas.

Evaluation of Subjective Well Being (SWB): Conceptual and Methodological Issues

Abstract

Aiming to systematize an integrative review on subjective well-being and its instruments of measurement from the keyword subjective well-being on the databases LILACS, SciELO, MedLine, PsycINFO and PEPsic (1970-2008), 215 studies were analyzed. The actuality of the studies was highlighted, as well as tools used empirically, such as the Positive and Negative Affection Scale (PANAS), Satisfaction With Life Scale (SWLS), Life Satisfaction Inventory: The Form and scale of subjective well-being (EBES). The present analysis points out the need for development of contextualized national instruments, in addition to deepening the theoretical and empirical validation of appropriate international instruments.

Keywords: Subjective well-being; Integrative review; Scales.

Na contemporaneidade, o bem-estar subjetivo (BES) tem sido concebido como o estudo científico da felicidade (Seligman, 2004). Trata-se de uma experiência interna de cada indivíduo que emite um julgamento de como a pessoa se sente e o seu grau de satisfação com a vida.

Discutindo sobre os fatores que influenciam o BES, Lykken e Tellegen (1996) e Albuquerque e Tróccoli (2004), discorrem que este é um construto que sofre influência tanto cultural (experiências compartilhadas que

formam a base de uma maneira similar de se ver o mundo), como da hereditariedade. Assim, diversos autores vêm investigando quais aspectos estariam mais diretamente relacionados ao BES (Helliwell & Putnam, 2004; Keyes, Shmotkin & Ryff, 2002; Lent, 2004; Lent et al., 2005; Mroczek & Spiro, 2005; Resende, Bones, & Souza, 2006; Steverink & Lindenberg, 2006).

Segundo Costa e Pereira (2007), no Brasil, o referencial do BES vem sendo utilizado desde 1993, com maior impulso a partir de 2000. Dado ao recente desenvolvimento desses estudos, fundamentalmente associados à assunção da Psicologia Positiva, embora os instrumentos de mensuração da felicidade ou do bem-estar existam há muitos anos na Psicologia e na saúde, também são recentes as discussões acerca da avaliação do BES (Keyes et al., 2002; Scorsolini-Comin, 2009).

Apesar das discordâncias teóricas relativas à conceituação de BES, há um consenso quanto às suas dimensões: satisfação com a vida e afetos positivos e negativos (Diener, 1996; Martinez & Garcia, 1994). Afeto positivo é um contentamento puro experimentado em um determinado momento como um estado de alerta, de entusiasmo e de atividade. Afeto negativo

¹Endereço para correspondência: Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto, SP, Brasil, CEP 14040-901. E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da Dissertação de Mestrado que originou o presente estudo, processo nº 2007/52584-5. A versão preliminar deste artigo foi apresentada no V Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, ocorrido em Ribeirão Preto, SP, em 2008. Os autores agradecem as valiosas sugestões dos assessores *ad hoc*, que contribuíram para que o manuscrito fosse revisto com vistas à publicação.

refere-se a um estado de distração e engajamento desprazível que também é transitório, mas que inclui emoções desagradáveis. A dimensão satisfação com a vida é um julgamento cognitivo de algum domínio específico na vida da pessoa, um processo de juízo e avaliação geral da própria vida. Essas três dimensões são a base para a construção de alguns dos instrumentos de mensuração do BES, como será abordado posteriormente (Diener, 1996; Scorsolini-Comin, 2009).

No contexto nacional, importantes contribuições foram oferecidas aos instrumentos de medida do BES, como os estudos de Albuquerque (2004), Albuquerque e Tróccoli (2004), Giacomoni e Hutz (2008), além de autores como Francisco José Batista, José Angel Vera Noriega, Maria Tereza de Souza Neves e Cíntia Ribeiro Martins. No exterior, podem ser mencionados, entre diversos estudos, as produções de Diener (1984, 1996), Lawrence e Liang (1988) e Lent (2004).

As definições do BES e, conseqüentemente, sua operacionalização em termos de medida, ainda são um tanto confusas e deturpadas, não existindo um consenso entre os estudiosos do assunto, o que dificulta a investigação do BES (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Evidências nesse sentido têm sido encontradas nos estudos sobre o desenvolvimento de instrumentos para medir o BES, bem como de revisões sobre a mensuração deste construto, que são o foco deste estudo.

Assim, objetiva-se apresentar uma revisão integrativa da literatura científica acerca do BES e de seus instrumentos de mensuração, buscando evidenciar o perfil das publicações nacionais e internacionais, bem como as suas contribuições para a avaliação do BES.

Método

A revisão integrativa sumariza pesquisas passadas e tira conclusões globais de um corpo de literatura acerca de um tópico em particular, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisa, assim como para reflexões sobre a realização de futuras pesquisas (Beyea & Nicoll, 1998; Keyes et al., 2002). Segundo

Ganong (1987), é necessário seguir padrões de rigor, clareza e crítica na revisão. Na operacionalização dessa revisão, utilizaram-se as seguintes etapas: seleção da questão temática, estabelecimento dos critérios para a seleção da amostra, análise e interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

Procedimento

Visando a assegurar uma ampla abrangência desta revisão, foram consultadas bases bibliográficas nacionais e internacionais: *LILACS*, *SciELO*, *MedLine*, *PsycINFO* e *PEPsic*.

No que concerne aos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos trabalhos tais como: artigos não indexados, teses, dissertações, resenhas, livros e capítulos de livros. A fim de restringir o levantamento a estudos que passaram por um processo rigoroso de avaliação, selecionaram-se apenas artigos indexados. Foram excluídos trabalhos que não faziam qualquer relação com o BES e sua avaliação. Em relação ao período de abrangência da revisão, foram selecionados apenas artigos publicados entre os anos de 1970 a 2008. Em relação ao idioma de publicação, restringiu-se a busca aos trabalhos publicados em português, inglês e espanhol.

O unitermo de busca utilizado foi *subjective well-being* (bem-estar subjetivo). Os resumos encontrados foram analisados segundo os critérios de inclusão/exclusão. Os trabalhos selecionados nesta fase foram lidos na íntegra e, posteriormente, permaneceram apenas os que eram diretamente relacionados à pergunta da revisão, ou seja, o foco sobre os instrumentos de avaliação/mensuração do BES. Tais estudos serão aqui apresentados e discutidos.

Resultados

A Tabela 1 apresenta o número de trabalhos encontrados a partir do uso dos critérios de inclusão e exclusão nas diferentes bases consultadas, bem como o número de trabalhos selecionados a partir da leitura dos resumos.

Tabela 1

Caracterização das Bases Bibliográficas Utilizadas, Número de Trabalhos Encontrados e Selecionados sobre o BES

Bases consultadas	Trabalhos encontrados (resumos)	Trabalhos selecionados na íntegra	Trabalhos selecionados na íntegra (%)	Trabalhos sobre instrumentos de avaliação	Trabalhos sobre instrumentos de avaliação (%)
<i>MedLine</i>	121	1	0,8	–	–
<i>PsycINFO</i>	46	9	19,5	2	4
<i>SciELO</i>	25	2	8,0	2	8
<i>LILACS</i>	15	2	13,3	1	6
<i>PEPsic</i>	7	1	14,3	–	–
Total	215	15	7,0	5	2

Como mencionado anteriormente, dos 215 resumos encontrados, foram excluídas teses, dissertações, livros e capítulos de livros, conforme critérios de inclusão e exclusão adotados. Foram excluídos, pela leitura dos resumos, os estudos não relacionados com a avaliação do BES. A maioria dos trabalhos encontrados e excluídos da revisão circunscreveu-se à área da saúde, sem quaisquer relações com o conceito de BES e sua avaliação, que compreendeu mais da metade das publicações.

Nessa primeira seleção, chegou-se a um total de 15 artigos, que foram lidos e analisados na íntegra. O idioma predominante de publicação foi o inglês e a população pesquisada com maior referência foi a de idosos, fundamentalmente com estudos sobre a correlação entre idade e BES. Em relação ao ano de publicação dos 15 trabalhos, percebe-se que todas as produções selecionadas datam de 2001 em diante, o que mostra a atualidade do tema e sua circulação científica ainda recente.

Em relação à definição do que é BES, essa noção é permeada por outros conceitos como o de satisfação com a vida, afetos positivos, bem-estar psicológico e qualidade de vida. Apesar de estarem intimamente relacionados, esses conceitos são diferentes e devem ser pontuados em suas nuances, conforme revisão integrativa realizada por Keyes et al. (2002). Diversos trabalhos estabelecem correlações entre as variáveis de BES e outras, como contexto cultural, idade e profissão (Keyes et al., 2002; Lent, 2004; Lent et al., 2005; Mroczek & Spiro, 2005; Resende et al., 2006; Steverink & Lindenberg, 2006). Os estudos transculturais e aspectos do contexto cultural também foram reportados em alguns trabalhos (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006; Keyes et al., 2002).

Por fim, em relação aos trabalhos que mencionam os instrumentos para a mensuração do BES, destacaram-se apenas cinco artigos. Deve-se ponderar que a maioria não aborda a construção de escalas, à exceção do trabalho de Albuquerque e Tróccoli (2004), mas descreve instrumentos utilizados em pesquisas empíricas e suas bases teóricas (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006; Mroczek & Spiro, 2005; Resende et al., 2006; Steverink & Lindenberg, 2006). No presente estudo, devido ao foco recair nos instrumentos de mensuração do BES, abordar-se-ão em profundidade esses cinco estudos, que não apenas mencionam seus instrumentos de avaliação, como também discutem como o BES pode ser mensurado e as especificidades da avaliação desse construto.

Análise e Discussão dos Trabalhos Selecionados

A seguir, serão analisados, em ordem cronológica de publicação, os cinco estudos selecionados especificamente para a discussão acerca da avaliação do BES. Esse número reduzido deve-se ao fato de que a maioria dos

estudos, como referido anteriormente, não trata precisamente da avaliação do BES, mas o avalia enquanto uma categoria subjacente aos objetivos centrais das produções. Como pode ser observado na Tabela 2, os cinco artigos selecionados para discussão apresentam o seguinte perfil:

O trabalho de Albuquerque e Tróccoli (2004) faz uma revisão sobre a mensuração do BES. O método mais usual de mensuração do BES consiste no uso de autorrelato, no qual o indivíduo julga sua satisfação com relação a sua vida e relata a frequência de emoções afetivas recentes de prazer e desprazer. Segundo Albuquerque e Tróccoli (2004), as medidas de autorrelato parecem particularmente apropriadas ao campo, tendo em vista que somente o indivíduo pode experimentar seus prazeres e dores e julgar se está satisfeito com sua vida. Até mesmo medidas globais do BES, que simplesmente perguntam quão satisfeitas ou felizes as pessoas estão, têm se mostrado válidas, com certas limitações. Essas medidas têm demonstrado propriedades psicométricas adequadas, bons índices de consistência interna, moderada estabilidade e sensibilidade apropriada a mudanças de circunstâncias de vida. Os autores referem, ainda, que medidas de bem-estar devem ser administradas sob condições constantes ou sistematicamente variadas, pois a situação de mensuração pode influenciar as respostas.

Valores dados ao BES podem variar dependendo do tipo de escala utilizada, a ordem dos itens, o estado de humor no momento de responder ao instrumento e outros fatores situacionais. Embora o humor momentâneo seja relevante na investigação do fenômeno, não é desejável que influencie indevidamente relatos de como a pessoa tem se sentido nos últimos meses ou anos (Albuquerque & Tróccoli, 2004, p. 155).

A Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES), desenvolvida pelos autores, é um instrumento inspirado em escalas existentes no exterior (Escala de Satisfação com a Vida [SWLS], de Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; Escala de Bem-Estar Subjetivo [SWBS], de Lawrence & Liang, 1988; e Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo [PANAS], de Watson, Clark, & Tellegen, 1988), com itens elaborados e analisados em grupos de validação semântica. Como muitos termos traduzidos não apresentavam clareza para os respondentes brasileiros, alguns itens foram adaptados para a cultura nacional e outros novos foram incluídos (Paschoal & Tamayo, 2008). A amostra total para a validação do instrumento foi composta por 795 policiais civis do Distrito Federal, sendo 74% do sexo masculino, idade média de 35,6 anos, 60,4% casados e 56,5% com nível de escolaridade superior incompleto.

A área do BES possui suas bases empíricas nas medidas de autorrelato de Diener (1984). A Escala de Bem-estar Subjetivo de Albuquerque e Tróccoli (2004) é constituída por itens saturados em três fatores: afeto

Tabela 2
Instrumentos de Mensuração Mencionados e/ou Investigados nas Publicações Seleccionadas e Objetivos dos Estudos

<i>Autores</i>	<i>Publicado em</i>	<i>Objetivos do estudo</i>	<i>Amostra utilizada</i>	<i>Instrumentos de mensuração utilizados</i>	<i>Instrumentos de base para as escalas utilizadas</i>
Albuquerque e Tróccoli	2004	Desenvolver uma escala de mensuração do bem-estar subjetivo	795 policiais civis de ambos os sexos	Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES)	PANAS, SWBS, SWLS
J. A. Dela Coleta e M. F. Dela Coleta	2006	Determinar índices de felicidade e bem-estar e sua relação com o comportamento acadêmico, em uma amostra de estudantes universitários	252 estudantes universitários de ambos os sexos	Sem menção específica. Bateria de escalas adaptadas.	Escalas citadas por Diener, Diener e Diener (1995), Diener e Suh (2000) e Seligman (2004)
Resende et al.	2006	Descrever a relação entre a satisfação com a vida e o estabelecimento de rede de relações	90 pessoas (25-85 anos), de ambos os sexos	Escala do tipo item único para satisfação com a vida	Escala do tipo item único retirada de Neri (1998)
Steverink e Lindenberg	2006	Verificar a associação entre bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e idade	883 pessoas (65-98 anos), de ambos os sexos	SWLS, PANAS	—
Mroczek e Spiro	2005	Verificar a associação entre a satisfação com a vida e a idade	1927 homens com idade acima dos 22 anos	Life Satisfaction Inventory: Form A	—

positivo (21 itens e alpha de Cronbach de 0,95), afeto negativo (26 itens e alpha de Cronbach de 0,95) e satisfação com a vida (15 itens e alpha de Cronbach de 0,90). O instrumento é composto por duas subescalas de resposta tipo Likert de cinco pontos. Na primeira parte da escala, os itens vão do número 1 ao 47 e descrevem afetos positivos e negativos, devendo o sujeito responder como tem se sentido ultimamente em uma escala em que o escore 1 significa nem um pouco e 5 significa extremamente. Na segunda parte da escala, os itens vão do número 48 ao 62 e descrevem julgamentos relativos à avaliação de satisfação ou insatisfação com a vida, devendo ser respondido em uma escala na qual 1 significa discordo plenamente e 5 significa concordo plenamente.

Albuquerque e Tróccoli (2004) concluem que a EBES mostrou-se um instrumento válido e preciso, o que recomenda seu uso para a avaliação de BES em populações não desviantes da normalidade em termos de saúde mental. A EBES atende à recomendação de Diener (1996) com relação à construção de instrumentos de medida de BES que possam avaliar separadamente os seus componentes. Entretanto, faz-se necessário verificar se a mesma configuração fatorial se

mostra invariante em amostras diversificadas em termos profissionais e também em amostras clínicas. Destaca-se a necessidade de que esse instrumento seja utilizado em novas pesquisas, comprovando a sua adequação ao contexto brasileiro. Como resultado do referido estudo, a presente escala foi validada para o contexto brasileiro e constitui uma medida para pesquisas nacionais acerca do tema.

No trabalho de Mroczek e Spiro (2005), o instrumento utilizado para a mensuração da satisfação com a vida (componente do BES) foi a *Life Satisfaction Inventory: Form A* (Liang, 1984), que apresenta as seguintes categorias: entusiasmo pela vida; resolução e fortaleza; congruência entre os objetivos pretendidos e alcançados; bem-estar físico, psicológico, social e auto-conceito. O alpha de Cronbach da escala é de 0,78. A satisfação com a vida, noção revitalizada pela assunção dos estudos sobre o BES, está fortemente relacionada aos aspectos afetivos da avaliação do bem-estar.

O estudo de Dela Coleta e Dela Coleta (2006), buscando determinar índices de felicidade e bem-estar e sua relação com o comportamento acadêmico, em uma amostra de 252 estudantes universitários dos últimos períodos de diversos cursos e diferentes instituições de

ensino superior, utilizou os seguintes instrumentos: um questionário composto de perguntas sobre dados biográficos e escalas sobre o sentimento de felicidade, satisfação e BES, avaliações de vários aspectos de suas vidas, de sua universidade, de sua formação e comportamento acadêmico. As escalas foram retiradas ou adaptadas daquelas apresentadas ou citadas por Diener et al. (1995), Dela Coleta, Dela Coleta e Diener (1996), Seligman (2004), com características psicométricas que recomendam sua utilização para a medida dessas variáveis. O conjunto dos instrumentos continha, ainda, uma questão aberta solicitando aos sujeitos que fornecessem elementos definidores do que seria uma vida boa para eles.

Este estudo (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006) mostra uma boa revisão dos instrumentos pelas referências utilizadas, mas não explicita quais os instrumentos efetivamente utilizados na composição da bateria de testes e nem as adaptações feitas nos instrumentos originais. A adaptação ocorreu apenas em termos de tradução ou semânticos? Houve uma validação dessas versões adaptadas? O estudo não esclarece essas questões, o que mostra a necessidade de melhor investigação, a fim de orientar a pesquisa acerca desses instrumentos. Eles poderiam ser utilizados em outras pesquisas, de áreas e com propostas distintas? Essas são questões que se mostram emergentes ao discutirmos este estudo.

Entre os instrumentos utilizados na pesquisa de Resende et al. (2006), o que se refere à mensuração do BES é a escala do tipo “item único” para medida da satisfação geral com a vida, referida por Neri (1998). É um instrumento para medida de BES indicado por satisfação geral com a vida, contendo duas questões que avaliam a satisfação com a vida atual e futura, mediante a figura de uma escada de 10 degraus que simbolizam uma escala de 10 pontos entre a pior vida e a melhor vida. São formuladas duas questões, uma referente à satisfação com a vida atual e outra sobre a expectativa de satisfação com a vida nos próximos cinco anos. Questiona-se em que medida essa escala com apenas duas questões oferece indícios para a avaliação do BES, sendo talvez uma escala quantitativa que mais se aproximaria de uma avaliação qualitativa, uma vez que o número de itens fornece um universo restrito do BES, não avaliando muitas de suas interfaces, como é o caso do instrumento EBES, que se baseia em escalas internacionais, com diversos itens.

Para a avaliação dos componentes afetivos e cognitivos do BES, Steverink e Lindenberg (2006) incluíram em sua pesquisa um indicador cognitivo de satisfação com a vida e dois indicadores afetivos de afetos positivos e negativos. A satisfação com a vida foi mensurada com a *Satisfaction With Life Scale* (SWLS). Essa escala, desenvolvida por Diener et al. (1985), verifica o julgamento pessoal do indivíduo sobre sua

qualidade de vida. Trata-se de um instrumento unidimensional de cinco itens com respostas entre um (discordo fortemente) e sete (concordo fortemente), totalizando escore mínimo de cinco (indicando menor satisfação) e máximo de 35 (maior satisfação). Sua consistência interna é boa (alpha de Cronbach de 0,87) e a confiabilidade teste-reteste após dois meses foi de 0,82, conforme atestam Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), em um estudo nacional de adaptação dessa escala, o que revela a possibilidade de sua utilização em outros contextos e culturas. Os afetos positivos e negativos foram mensurados pela *Positive and Negative Affect Scale* ([PANAS], Watson et al., 1988), composta de 20 itens. Essa escala é considerada clássica na área de avaliação do BES, haja vista a sua menção em diversos outros estudos, tanto nos que foram analisados em profundidade na presente revisão, como naqueles resgatados na primeira seleção.

Conclusão

A partir da análise criteriosa dos trabalhos selecionados, alguns pontos podem ser discutidos, à guisa de compreensão da direção dos trabalhos que vêm sendo publicados acerca do BES nos últimos 30 anos. Segundo Dela Coleta e Dela Coleta (2006), mais recentemente a literatura científica brasileira começou a demonstrar maior interesse por esse tema, por meio de traduções de importantes obras (Seligman, 2004), de estudos produzidos por investigadores brasileiros e da publicação de artigos, dissertações e teses sobre o assunto (Albuquerque, 2004; Scorsolini-Comin, 2009).

De modo geral, pode-se dizer que a maioria dos trabalhos encontra-se dentro da perspectiva da saúde, uma vez que os estudos acerca do bem-estar impactam diretamente essa área, que visa à melhoria da qualidade de vida das pessoas. O movimento percebido a partir dos trabalhos é de que as atuais produções, muito mais do que discutirem a noção, circunscrevendo sua definição e seus pressupostos de base, propõem que o conceito deve ser aplicado à prática, devendo-se pensar em que medida uma técnica ou intervenção pode contribuir para a melhoria do BES das pessoas, o que implica diretamente nos conceitos de qualidade de vida e, conseqüentemente, no de saúde.

Em relação aos trabalhos que abordam o BES a partir de uma perspectiva exclusivamente teórica, ou outros, que trabalham apenas com a prática e a repercussão desse conceito relacionado a noções como a de qualidade de vida, há que se pontuar que a articulação entre teoria e prática deve ser enfatizada em estudos futuros. Estudos que não apenas conceituem adequadamente a noção, mas que relatem dados empíricos que possam contribuir para o delineamento do BES e para a redefinição e construção de modelos que abarquem suficientemente o conceito (Lykken, 2007).

Nesse sentido, como trazido nesta revisão, o desenvolvimento de instrumentos adequados de mensuração é relevante, justamente por permitir que se dimensione adequadamente o conceito, o que não significa esgotá-lo, mas compreendê-lo em sua complexidade, dentro de uma perspectiva empírica, tal como foi feito no estudo de Albuquerque e Tróccoli (2004). Como se trata da única escala construída e validada no contexto brasileiro, de acordo com a presente revisão, abre-se a possibilidade tanto de que outros estudos sejam realizados com essa escala, quanto de que a mesma seja revista, inclusive dentro do próprio meio nacional. Assim, as escalas brasileiras podem manter suas relações com os instrumentos estrangeiros, mas devem buscar, dentro de nosso contexto, possíveis especificidades que tanto abarquem as nuances da população brasileira, quanto também contribuam para os estudos empreendidos no exterior.

A adaptação de modelos clássicos de testagem psicológica produzidos notadamente nos Estados Unidos e na Europa deve aprimorar o modo de apreender o contexto e o meio de aplicação, como considerado a partir do estudo de Dela Coleta e Dela Coleta (2006). As variáveis correlacionadas ao BES, como idade e escolaridade, por exemplo, seriam as mesmas em todas as culturas e se manifestariam do mesmo modo? Qual o *status* dessas variáveis nas diversas condições culturais e sociais? Essas dimensões devem ser articuladas por estudos futuros de conceituação do BES. Outras possibilidades que se abrem se referem ao uso de instrumentos diferentes das medidas de autorrelato. Por meio de entrevistas e outras técnicas, como as projetivas, por exemplo, poder-se-ia investigar adequada e suficientemente a noção de BES? Ou o BES só teria sentido a partir do relato e da percepção do próprio indivíduo? Quais as formas pelas quais pode-se compreender, apreender e mensurar essa percepção de bem-estar? É necessário que mais pesquisas possam lançar questionamentos como esses, haja vista que os estudos acerca do BES ganham projeção crescente em função do desenvolvimento e da divulgação da Psicologia Positiva por seu criador, Martin Seligman (2004), a partir da década de 1990. Essa corrente é considerada a abordagem científica das qualidades e virtudes humanas, propondo uma mudança de foco da reparação das coisas negativas para a promoção das características positivas e do bem-estar.

Por vezes esse caminho se mostra árduo e complexo, o que atesta a necessidade de novos estudos teóricos a respeito, que também possam subsidiar a construção e o aprimoramento de instrumentos para a avaliação do BES, de modo que essa noção possa ter na área da avaliação psicológica a mesma relevância que outros construtos de personalidade tradicionalmente

investigados e que ainda são predominantes nesse campo de estudo.

Referências

- Albuquerque, A. S. (2004). *Bem-estar subjetivo e sua relação com personalidade, coping, suporte social, satisfação conjugal e satisfação no trabalho*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164.
- Beyea, S. C., & Nicoll, L. H. (1998). Writing in integrative review. *AORN Journal*, 67(4), 877-880.
- Costa, L. S. M., & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar subjetivo: Aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1). Retrieved June 26, 2008, from <http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=188>
- Dela Coleta, J. A., & Dela Coleta, M. F. (2006). Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 533-539.
- Dela Coleta, M. F., Dela Coleta, J. A., & Diener, E. (1996). Estudo transcultural do sentimento de satisfação e de felicidade [Resumo]. In Sociedade Brasileira de Psicologia (Ed.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXVI Reunião Anual de Psicologia* (pp. 184). Ribeirão Preto, SP: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. (1996). Traits can be powerful, but are not enough: Lessons from Subjective Well-Being. *Journal of Research in Personality*, 30(1), 389-399.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E., Diener, M., & Diener, C. (1995). Factors predicting the subjective well being of nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 851-864.
- Diener, E., & Suh, E. M. (2000). *Culture and subjective well-being*. Cambridge, MA: MIT.
- Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: Uma revisão. *Revista de Psiquiatria Clínica* 34(5), 234-242.
- Ganong, L. H. (1987). Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, 10, 1-11.
- Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: Estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25(1), 23-35.
- Hellinwell, J. F., & Putnam, R. D. (2004). The social context of well-being. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 29(359), 1435-1446.
- Keyes, C. L. M., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 1007-1022.
- Lawrence, R. H., & Liang, J. (1988). Structural integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A: Race, sex, and age differences. *Psychology and Aging*, 3, 375-384.
- Lent, R. W. (2004). Toward a unifying theoretical and practical perspective on well-being and psychosocial adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 51(4), 482-509.
- Lent, R. W., Singley, D., Sheu, H. B., Gainor, K. A., Brenner, B. R., Treisman, D., et al. (2005). Social cognitive predictors of domain and life satisfaction: Exploring the theoretical precursors of subjective well-being. *Journal of Counseling Psychology*, 52(3), 429-442.
- Liang, J. (1984). Dimensions of the Life Satisfaction Index A: A structural formulation. *Journal of Gerontology*, 39, 613-622.

- Lykken, D. T. (2007). Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. *American Psychologist*, 62(6), 611-612.
- Lykken, D., & Tellegen, A. (1996). Happiness is a stochastic phenomenon. *Psychological Science*, 7, 186-189.
- Martinez, M., & Garcia, M. (1994). La autopercepción de la salud y el bienestar psicológico como indicador de calidad de vida percibida en la vejez. *Revista de Psicología de la Salud*, 6(1), 55-74.
- Mroczek, D., & Spiro, A. (2005). Change in life satisfaction during adulthood: Findings from the veterans affairs normative aging study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(1), 189-202.
- Neri, A. L. (1998). *Escala para avaliação de satisfação na vida referenciada a domínios*. Manuscrito não-publicado, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Paschoal, T., & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da Escala de Bem-estar no Trabalho. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 11-22.
- Resende, M. C., Bones, V. M., & Souza, I. S. (2006). Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. *Psicologia América Latina*, 5(1). Retrieved June 26, 2008, from <http://www.psicolatina.org/Cinco/rede.html>
- Scorsolini-Comin, F. (2009). *Casar, verbo (in)transitivo: Bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Seligman, M. E. (2004). *Felicidade autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Steverink, N., & Lindenberg, S. (2006). Which social needs are important for subjective well-being? What happens to them with aging? *Psychology and Aging*, 21(2), 281-290.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1067.

Received 06/11/2009
Accepted 16/12/2009

Fabio Scorsolini-Comin. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil.
Manoel Antônio dos Santos. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.